



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

DIÁRIO
inconveniente

Como o populismo vai aumentar nos Açores

De hoje a oito dias completam-se três anos que os açorianos foram às urnas, longe de saberem que uma coligação iria tomar conta dos nossos destinos poucos dias depois.

Passado este tempo, é notório um certo desencanto em vários sectores da sociedade e até o Chega, um dos apoiantes iniciais da coligação, veio esta semana manifestar a sua **“grande desilusão”** e já diz que **“há que devolver a palavra ao povo”**.

A estratégia do Chega nos Açores não é surpresa nenhuma, sendo, provavelmente, o único partido que tem a certeza de que vai aumentar a sua representação parlamentar em próximas eleições... e quanto mais cedo melhor.

O populismo floresce e acentua-se em fortes ambientes de desilusão, desencanto e sentimento de injustiça e o deputado do Chega, José Pacheco, já percebeu que tem, em várias ilhas, mas sobretudo em S. Miguel, terreno fértil para explorar.

No início da legislatura ninguém levava a sério José Pacheco e as escaramuças que se seguiram com o então colega Carlos Furtado, hoje deputado independente, ajudavam a pensar que o Chega teria pouca vida pela frente.

Lembro-me de alguns comentadores - eu incluído - vaticinarem pouco futuro a esta dupla.

A verdade é que, passados estes três anos, José Pacheco, com todos os defeitos dos políticos populistas, foi, provavelmente, o único que percebeu que poderia ir buscar a sua força, para a legislatura inteira, estando o mais próximo possível das populações e falando a linguagem delas.

José Pacheco é o popular que encontramos em qualquer café da esquina das nossas ilhas. Quem tiver ocasião de o ver, todas as semanas, no meio dos populares do mercado agrícola em Santana ou visitando, sozinho, os portos de pesca e sentar-se com os pescadores, compreenderá melhor o fenómeno do populismo.

Tudo isto pode, até, ser intencionalmente estudado, mas não deixa de ser curioso que o deputado ‘patinho feio’ no início da legislatura seja agora o mais seguro da sua reeleição e o que provoca mais atenção dos populares na rua com a sua célebre frase **“Oh Pacheco, aperta com eles!”**.

O poder comunicativo popular que o deputado do Chega conseguiu ao longo destes três anos é inversamente proporcional ao do governo da coligação, que cometeu o erro político fatal de desprezar a linguagem e a comunicação com a população, ensaiando agora, na recta final, uma desesperada excursão de roteiros junto das populações.

O filósofo francês Gilles Lipovetsky, autor do célebre ensaio sobre o individualismo, intitulado **“A Era do Vazio”**, dizia há poucos dias, numa entrevista ao “Expresso”, que **“as elites políticas não ouvem o povo, e o populismo ouve”**.

É este, também, o segredo do populismo. Onde há mais frustração e desencanto com a política e os políticos, o populismo está lá para ouvir as pessoas desiludidas e depois transmitir com o megafone esta desilusão, com a mesma linguagem utilizada pelo povo.

Os Açores, à semelhança do país, pelo caminho que estão a tomar, sem rupturas e sem reformas de fundo, são terreno fértil para os populismos, sobretudo quando paira na vida das pessoas grandes incertezas e medo do futuro.

O mesmo Gilles Lipovetsky, grande teórico da hipermodernidade, alerta que vivemos **“numa cultura de medo, de**

insegurança global. Não se pode comer isto e aquilo. É a gordura, o açúcar... Respiro o suficiente? E a poluição? E as ameaças terroristas? Os islamitas? O meu trabalho vai acabar? E a globalização?”.

A incerteza é uma constante, e essa incerteza, segundo o filósofo, gera uma ansiedade geral.

A sociedade de hoje está cada vez mais ansiosa, insegura, egoísta e desencantada com tudo, incluindo “os políticos do sistema”, os que não têm coragem para as rupturas, abrindo caminho para todo o tipo de manipulação sentimental populista.

Numa região como a nossa, com o índice de envelhecimento a crescer (117,2), com 85% da sua população concentrada em apenas três ilhas, com uma taxa de escolaridade muito aquém do padrão nacional, nomeadamente no ensino secundário, inferior à média nacional em quase 20 pontos percentuais, e do ensino superior, inferior à média nacional em 12 pontos percentuais, e com uma taxa de desigualdade que é maior do país, o fenómeno do populismo tem todas as condições para prosperar e consolidar-se por algum tempo.

Ainda vamos a tempo de o combater?

É muito difícil em terrenos desiguais, mas se os chamados partidos tradicionais, como o PS e o PSD, que gerem entre si o Poder, não se souberem reinventar e serem mais genuínos e próximos com as populações, então a vida ficará ainda mais difícil.

Os políticos do arco do Poder têm que sair dos seus casulos confortáveis, ouvir os imensos ‘pachecos’ e ‘venturas’ que grassam nos meios rurais do descontentamento, comunicar mais, serem mais cautelosos com as nomeações para cargos de responsabilidade, incluindo as escolhas de deputados, aplicar critérios de opções políticas mais racionais e, sobretudo, serem menos arrogantes no desempenho das suas funções. Se houver mais mérito e humildade, nas escolhas de pessoas e nas opções políticas, haverá menos populismo.

Manter o mesmo rumo de há décadas é manter os mesmos resultados.

Por agora, parece não serem tão bons quanto as populações desejavam.

E é assim que o populismo prospera.

